

**“Terras cultiváveis de primeira classe”:
as propagandas sobre a colônia Porto Novo realizadas
pela Volksverein na década de 1920**

*"Arable lands of first class":
the advertisements about the Porto Novo colony held by
Volksverein in the 1920s*

Leandro MAYER¹

Resumo

Este artigo contextualiza o emprego de propagandas pela *Volksverein* para a comercialização das terras da colônia Porto Novo – atual município de Itapiranga/SC - na década de 1920. Descrita como alternativa para um futuro melhor, numerosas famílias de alemães católicos foram atraídas pelas propagandas que projetavam a nova frente de colonização como “terra dos sonhos”, alicerçada na homogeneidade étnica e religiosa.

Palavras-chave: Porto Novo. *Volksverein*. Propagandas.

Abstract

This paper contextualizes the use of advertisements by *Volksverein* for the marketing of lands of the colony Porto Novo (current city of Itapiranga, Santa Catarina) in the 1920s. Described as an alternative for a better future, many families of Catholics German were attracted by advertisements that projected the new face of colonization as a "land of dreams", based on ethnic and religious homogeneity.

Keywords: Porto Novo. *Volksverein*. Advertisements.

Introdução

O Projeto de Colonização Porto Novo foi fundado em 1926, em terras situadas no Oeste de Santa Catarina, às margens do Rio Uruguai. Uma colonização homogênea, que permitiu a instalação de colonos de origem alemã e católica, sendo esta, planejada, organizada e promovida pela *Volksverein für die Deutschen Katholiken in Rio Grande*

¹ Mestrando em História pela Universidade de Passo Fundo/SC – UPF. Professor da Rede Pública Estadual de Ensino de Santa Catarina. E-mail: mayerleandro@yahoo.com.br.

do Sul - Sociedade União Popular para Alemães Católicos no Rio Grande do Sul, fundada em 1912 pelos jesuítas de São Leopoldo, R.S. Nas pesquisas historiográficas, é possível perceber que a *Volksverein* possuía um forte vínculo com seus associados, chegando a ser uma espécie de “referência”, e, a comunicação desta com os associados acontecia principalmente através da revista *Skt Paulusblatt*², editada pela Editora Amstad, ligada à SUP³, e escrita em língua alemã. As propagandas veiculadas na *Skt Paulusblatt* sobre a colônia Porto Novo serão nosso objeto de estudo, visto que, graças às campanhas publicitárias, Porto Novo recebeu milhares de (i)migrantes nos primeiros anos de fundação, oriundos em sua maioria das colônias velhas do Rio Grande do Sul, formando uma organização coletiva teuto-católica, uma comunidade alicerçada na homogeneidade étnica e religiosa.

Vista como colônia próspera, Porto Novo significou a idealização de um sonho, o de formar uma comunidade que possibilitasse a reprodução étnico-confessional. Em maio de 1929 passou a ser denominada Itapiranga⁴, por sugestão do então Presidente de Estado de Santa Catarina Adolpho Konder, em visita à colônia. Desta maneira, durante o estudo, os nomes Porto Novo e Itapiranga poderão ser empregados em diferentes momentos e situações históricas de contextualização, sem prejuízo ao contexto em que se inserem.

1 Porto Novo: uma colonização para alemães católicos

Diferente de outros modelos de colonização, Porto Novo não era uma colônia mista, e sim, uma colonização para alemães católicos. Conforme Neumann (2014), os projetos de colonização étnica eram bem vistos “pela ala germanista” do estado do Rio

² Revista teuta *Sankt. Paulusblatt* - periódico redigido e publicado mensalmente pela *Volksverein*. Trazia matérias de leitura como lições de economia rural, orientações espirituais e educação cívica. Ainda sobre a revista *Paulusblatt* lemos em Klauck: “Pode-se definir a revista como um dos instrumentos utilizados pelo catolicismo da imigração implantado pelos jesuítas entre os alemães e descendentes, desde a última metade do século XIX (LÜTTERBECK, 1977; SILVA, 2003; SCHALLENBERGER, 2001; RAMBO, 2002), para acompanhar e ordenar os espaços sociais do segmento católico, integrantes desse contingente populacional. E, nesse contexto, os jesuítas também podem ser compreendidos como instrumentos da Igreja na organização prática do campo associativo e político. Pois, entre 1890 e 1912, esses, de forma direta, contribuíram para a fundação de seis associações: 1890, o Centro Católico; 1890, as Associações Paroquiais ou *Pfarrvereine*; 1898, os Congressos Católicos ou *Katholikentage*; 1898, a Associação de Professores ou *Lehrerverein*; 1890, a Associação de Agricultores ou *Bauerverein*; e, 1912, a Sociedade União Popular ou o *Volksverein* (RABUSKE, 1994/1996, p. 29)” (KLAUCK, 2014, p. 142).

³ Sociedade União Popular.

⁴ O termo "Itapiranga" é de origem tupi e significa "pedra vermelha".

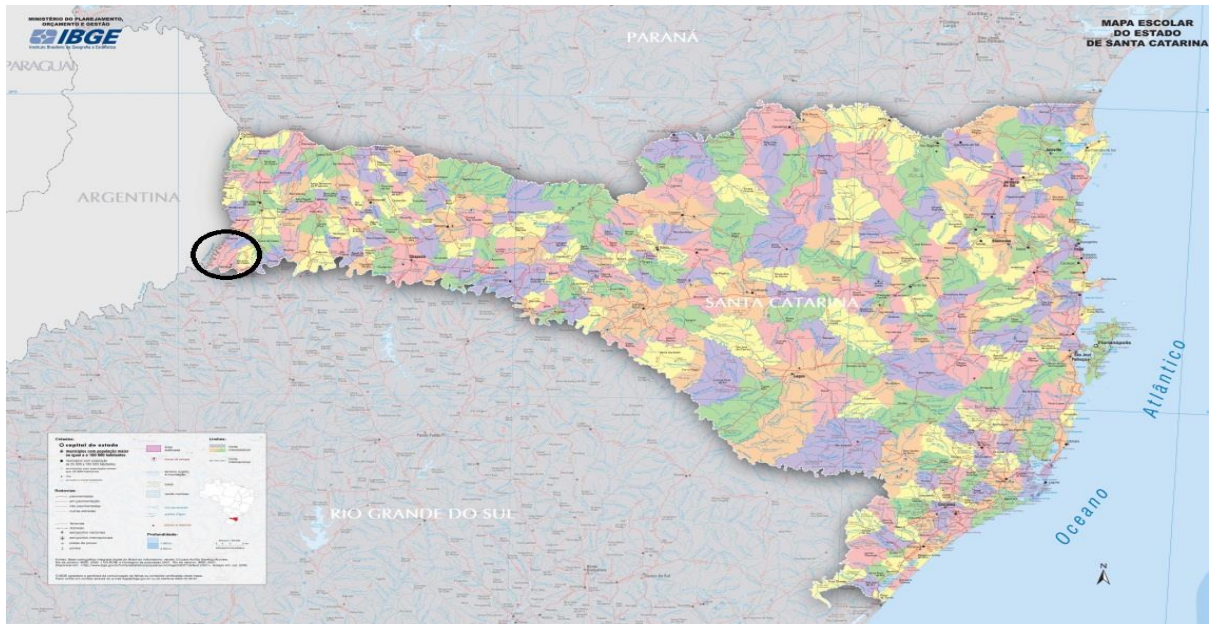
Grande do Sul, enquanto projetos de colonização mistos eram criticados pela “despreocupação com questões étnicas e confessionais”. Portanto, a fundação da colônia Porto Novo está associada a este contexto: o desejo de fundação de um núcleo que possibilitasse a reprodução étnico-confessional. A intenção inicial era fundar essa nova colônia no Rio Grande do Sul, porém, o governo daquele estado não autorizou a instalação de uma colonização cujo princípio de ocupação fosse a homogeneidade étnica e religiosa, como pretendiam os dirigentes da *Volksverein*. Buscou-se então, o estado vizinho, Santa Catarina, para a implantação do projeto de colonização. A decisão de fundação do Projeto Porto Novo foi tomada na reunião dos delegados das Caixas Rurais em 26 e 27 de abril de 1925 (JUNGBLUT, 2000, p. 74).

Diante da decisão de formação de um povoado confessional católico e alemão, meses depois, em 28 de janeiro de 1926, ocorreu a primeira compra de terras adquiridas por força de contrato, compondo 100 lotes, no extremo oeste de Santa Catarina. Conforme Franzen (2014), o empreendimento foi financiado pela Cooperativa de Crédito *Sparkasse*⁵, e manteve “uma forte ligação com o estado do Rio Grande do Sul” (ROHDE, 2011, p. 29). De fato, a localização da colônia Porto Novo, como podemos observar no mapa a seguir, situa-se numa região de fronteira: com o Rio Grande do Sul – onde a divisa é dada pelo Rio Uruguai; e com a Argentina – cuja divisa ocorre pelo Rio Peperi Guaçú⁶. O projeto de colonização Porto Novo torna-se “o primeiro prolongamento da colonização teuto-brasileira católica do Rio Grande do Sul em Santa Catarina” (HEINEN, 1997, p. 71).

⁵ Sua origem está no Padre Theodoro Amstad, S.J. “Ainda em 1904 organizou verdadeiro sistema bancário para os agricultores, chamado “Sparkasse”, “Caixa Econômica”, com o nome oficial de “Cooperativa de Crédito Rural”. A Agência Central foi instalada em Porto Alegre, com filiais em 65 núcleos rurais. A fundação efetuou-se na Linha Imperial, município de Nova Petrópolis, onde está o principal monumento a seu fundador. Itapiranga e São Carlos tiveram suas Caixas Rurais, em 1932. A de Itapiranga continua hoje com notável movimento. O sistema é muito semelhante ao das Cooperativas de Crédito, dos últimos anos (HEINEN, 1997, p. 72).

⁶ Como se pode perceber pelo mapa, a região de abrangência da colônia Porto Novo é delimitada por duas fronteiras importantes: ao Sul com o estado do Rio Grande do Sul, e, a Oeste com a Argentina. Como veremos mais adiante, esta situação de fronteira foi palco de cenas muito conturbadas durante o período do Estado Novo, com a repressão aos alemães, visto que, nesta colônia de ocupação alemã, numa zona de fronteira, estava localizado um povoamento homogêneo de alemães católicos. Além do mais, a proximidade com a fronteira Argentina se tornaria outro agravante. Poderiam ser estes colonos ali estabelecidos uma ameaça à segurança nacional? Mais adiante, aprofundaremos este assunto.

Figura 1 - Mapa de Santa Catarina. Em destaque localização do atual município de Itapiranga – região que a partir de 1926 recebeu o projeto de colonização Porto Novo.



Fonte: <<http://www.infoescola.com/wp-content/uploads/2009/12/mapa-sc-municipios.jpg>>

Após a efetivação da primeira compra de 100 lotes pela *Volkverein*, novos lotes foram comprados, chegando-se ao total de 583.975.705,40 metros quadrados de área (o equivalente a 58.397 hectares), que foram divididos em 2.340 lotes, cada qual, com 24,8 hectares em média, tornando-se esta, a delimitação territorial do projeto de colonização Porto Novo, que se diferenciava de qualquer outra colonização, especialmente pelo seu modelo de separação étnico e confessional (RAMBO, 2011).

2 A intensificação de propagandas e a ocupação de Porto Novo

Uma vez efetuada a aquisição de terras, a campanha publicitária sobre Porto Novo foi desencadeada, “sendo que o *Katolikentag* – Congresso dos Alemães Católicos do Rio Grande do Sul, realizado em Novo Hamburgo de 14 a 16 de março de 1926, foi o momento escolhido para o lançamento publicitário do projeto” (JUNGBLUT, 2000, p. 75). A entidade *Volkverein* inicia a veiculação de propagandas sobre o empreendimento colonizador. Para isso, faz uso de seu principal meio de comunicação

com os associados: a revista *Skt Paulusblatt*. Os anúncios do empreendimento eram inicialmente convites para interessados conhecer o projeto:

Viagem para conhecer as terras de Porto Novo e Porto Feliz. Depois da Páscoa realizarei uma viagem, como guia autorizado de um grupo numeroso de colonos católicos e evangélicos interessados em comprar terras nas áreas de Porto Novo e Porto Feliz, respectivamente. Aqueles que ainda querem se integrar ao grupo, deverão estar no Hotel Müller, em Santa Maria, o mais tardar sábado, dia 10 de abril. A longa viagem será iniciada na manhã seguinte. Trazer o poncho. C. F. Rohde - Estrela (apud ROHDE, 2011, p. 30).

No anúncio, percebemos que, menos de três meses depois da consolidação da negociação das terras pela *Volksverein*, as primeiras comitivas de “compradores alemães” visitavam Porto Novo, cujas terras eram prometidas como muito férteis. Nos meses subsequentes, os anúncios na *Skt Paulusblatt* e no jornal Folha Popular Alemã (*Deutsches Volksblatt*) se intensificaram, e em Rohde lemos uma destas propagandas:

Colônia alemã Porto Novo da Sociedade União Popular.

A "Volksverein" é proprietária legítima da Colônia Porto Novo. Deste modo, a Sociedade União popular pode expedir diretamente a escritura pública para os compradores que pagaram e arrotearem a terra, nela construíram e moram. **O valor atual do lote de 25 hectares é de Rs2:500\$000. A partir de 1º de janeiro de 1928, o valor do lote de 25 hectares será elevado para Rs3:300\$000.** Deste valor devem ser pagos, no mínimo, Rs1.000\$000 de entrada. O restante pode ser parcelado em acordo a ser firmado com a Administração da Sociedade, representada em Porto Alegre pelo senhor Albano Volkmer, ou em Porto Novo, com o senhor José Aloísio Franzen, na direção da Colônia.

Mediante pagamento à vista, atualmente há um desconto de 5%, sendo que a partir de 1º de janeiro de 1928, após o reajuste do preço, o desconto será de 10%. Associados da 'Volksverein', além disso, tem um desconto de Rs25\$000 na compra do primeiro lote - e de Rs5\$000 em cada novo lote adquirido.

Plano de viagem: quem quer visitar Porto Novo, deve viajar até a cidade de Neu Württemberg, de onde constantemente partem caminhões para Porto Feliz e, conseqüentemente, Porto Novo. Em Neu Württemberg, a Empresa Xapecó, Pepery Ltda. fornece todo o tipo de esclarecimento e informação necessários. Viajantes que vierem por Santa Maria, encontrarão hospedagem e informações sobre como continuar a viagem no Hotel Müller. Janeiro de 1927 (apud ROHDE, 2011, p. 32-33, **grifos nossos**).

Este fragmento nos é muito útil, pois possibilita analisar o histórico dos preços praticados aos lotes. Em 1926 o lote unitário era comercializado a Rs1:100\$000. Em 1927 era vendido a Rs2:500\$000 e, em janeiro de 1928 o valor foi elevado para Rs3:300\$000, cujo valor do lote praticamente dobrava a cada ano.

Pe. Rick, conhecido como “pai dos colonos” entre os teutos, responsável direto pela implantação do Projeto Porto Novo, em 1928 publicou um artigo na edição 26 do jornal *Deutsches Volksblatt*, sob o título “*Fünf Monate in Porto Novo*” (Cinco meses em Porto Novo), onde apontava algumas razões para os colonos adquirirem lotes em Porto Novo:

Para uma colônia nova, devem considerar-se os seguintes aspectos: qualidade do solo, condições de água, clima, elemento humano colonizador, possível colocação dos produtos, e atendimento religioso e escolar.

Tem o vale do Uruguai **terras cultiváveis de primeira classe** sendo elas em geral de húmus profundo e de acidentes pouco montanhosos.

Todo o vale do Uruguai tem, segundo a estatística meteorológica, **precipitações de chuva tão freqüentes ou maiores do que as de todo o Rio Grande do Sul**; daí os numerosos arroios e a facilidade de encontrar água de poço, isto é, potável.

[...]

O material humano dos colonos é o de uma só casta ou espécie: compõe-se ele de católicos alemães do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Prova notoriamente a experiência que apenas tais colônias dão certo, e isso para longos tempos. Se uma colônia qualquer se acha mesclada de etnias e de crenças religiosas, então torna a migrar mais tarde uma parte dos colonos, e assim a unidade inicialmente negligenciada se vem a recompor à custa dos emigrados. Quem conhece a "Serra" gaúcha, sabe como isso sucede. Somente há continuidade numa colônia uniforme.

[...]

Porto Novo se apresenta rico em questão de moços jovens e enérgicos, mas é pobre quanto a moças jovens e aptas para o casamento. Por isso **de momento deve recomendar-se seriamente Porto Novo a famílias cheias de moças** (casadouras).

[...]

Lá na novel colônia somente existe terra nova, abundante e barata, enquanto aqui (no RS) apenas há pouca e cara (RABUSKE; RAMBO, 2004, p. 173-178, **grifos nossos**).

Percebe-se uma propaganda direta do religioso sobre a recém-criada colônia, que menciona ainda a homogeneidade étnica e religiosa e enaltece a terra cultivável de

primeira classe. Como um todo, as propagandas se intensificaram nas colônias velhas do Rio Grande do Sul, cujas terras estavam escassas e subdivididas. Em seu estudo Roche (1969) revela que os primeiros lotes coloniais no Rio Grande do Sul destinados aos colonos imigrantes, mediam em média 77 hectares. Posteriormente, como no município de Estrela, “as primeiras propriedades, vendidas a partir de 1853, mediam, em média, 48 hectares. Em 1920, a divisão estava já muito avançada, porquanto a superfície média era de apenas 24,2 hectares. Em 1950, desceu para 15,7 hectares, nem mesmo o terço da primitiva área” (ROCHE, 1969, p. 325-326). Nestas condições,

O rápido crescimento demográfico se constituiu num outro problema. O fato de cada mil famílias em média gerarem duzentos excedentes ao ano, deixava evidente uma questão. A maioria desses 200 excedentes obrigava-se a procurar terra para cultivar fora da propriedade paterna. No início do século, essa questão transformara-se num dos grandes desafios a serem enfrentados. O avanço normal e sem maior planejamento sobre áreas disponíveis em terras públicas ou particulares já não atendia à demanda. Era preciso encontrar uma solução de longo prazo (RAMBO, 2011, p. 175).

E complementa:

É notória a elevada taxa de natalidade entre os imigrantes da época. Ao mesmo tempo a alimentação relativamente farta e equilibrada, somada aos hábitos e condições de higiene de bom nível, fizeram com que a mortalidade infantil se situasse num limite aceitável. O resultado da soma desses fatores levou a um permanente estado de saturação populacional nas comunidades coloniais. (RAMBO, 2011, p. 255).

Com esta problemática do crescimento demográfico a alternativa das famílias era a subdivisão das propriedades, embora, “subdividir as propriedades uma ou duas vezes significava condenar à miséria as famílias que delas dependiam” (RAMBO, 2011, p. 175). Esses fatores impulsionaram os descendentes de imigrantes a migrarem em busca de novas regiões de colonização, favorecendo para que muitos colonos, em sua maioria jovens, buscassem a nova colônia em formação, que a essa altura tinha a promessa de ser uma terra muito promissora para o desenvolvimento da agricultura.

As propagandas eram o principal chamarisco dos colonos, e muitos eram convencidos pelos anúncios. A imagem a seguir, trata de uma publicidade das terras de

Porto Novo que circulou na revista *Skt. Paulusblatt* em janeiro de 1929, expondo dez razões para aquisição de terras na colônia:

1. Porque a **terra é muito boa** e todas as frutas (mesmo o café) crescem e se desenvolvem bem;
2. Porque **não tem confusões** e nunca poderão acontecer assim como acontece nos demais lugares de Santa Catarina;
3. Porque ali por traz existe uma sociedade forte “**Vollksverein**” que se preocupa com o futuro;
4. Porque ali **não tem especulador** de terra no meio;
5. Porque ali tudo está organizado: Igreja, Escola, 2 clérigos (padres) e porque ali já tem **bastante gente morando**;
6. Porque a colônia encosta no **Rio Grande do Sul**;
7. Porque tem melhor despacho comercial sobre a água que leva os produtos para a Campanha e Estados do Laplata e o comércio já está consolidado e os preços são melhores do que em Porto Alegre;
8. Porque o **trilho do trem** uma vez construído, facilitará e encurtará o caminho para Porto Alegre e São Paulo;
9. Porque ali **não tem formigas** [...];
10. Porque quero criar bem meus filhos dando-lhes uma boa educação corporal e espiritual. (*St. Paulusblatt*, janeiro de 1929, p. 13, **grifos nossos**. Tradução: João Inácio Wenzel).

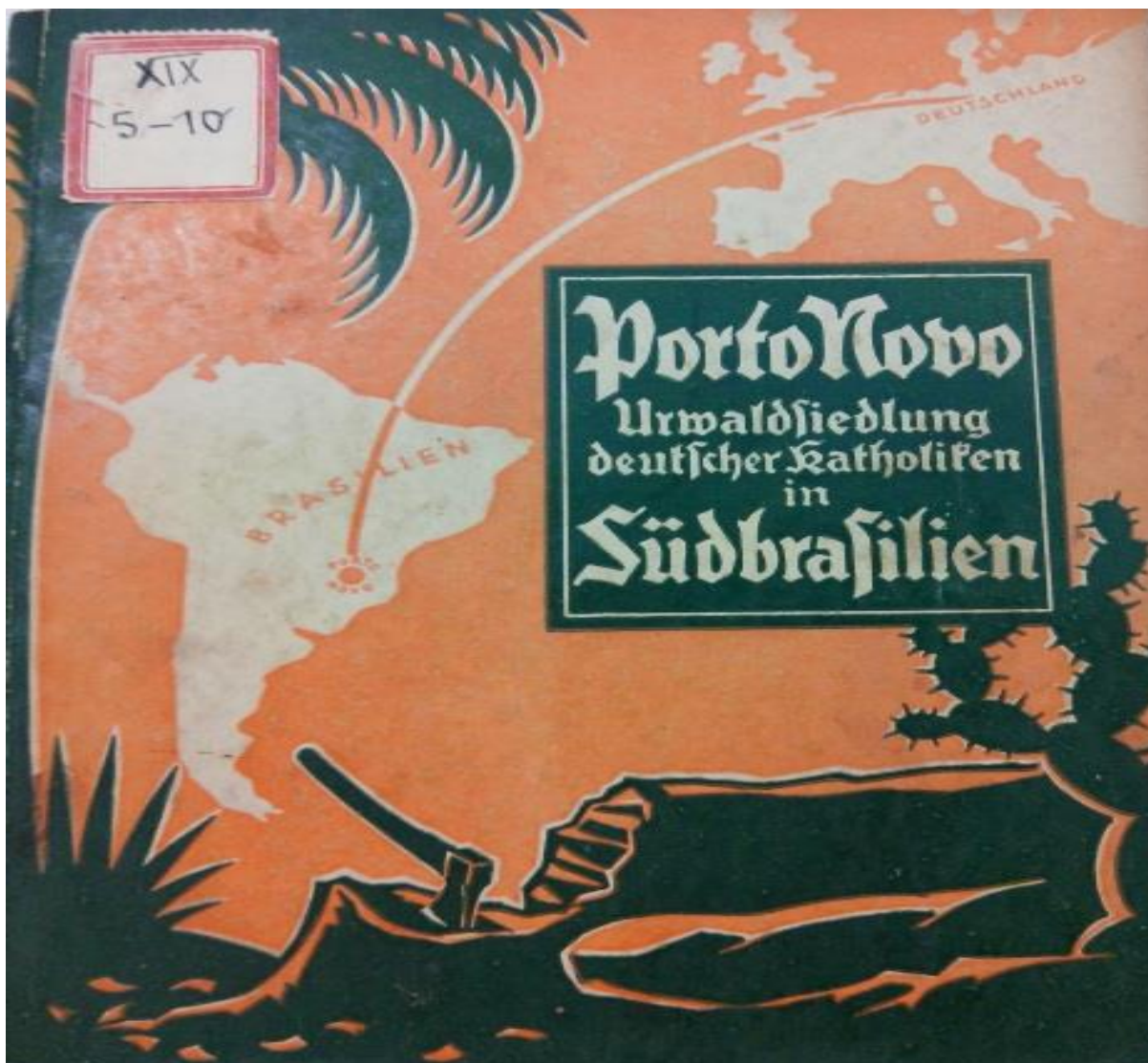
O anúncio oferta o lote de 25 hectares ao preço de 3:000\$000. Quanto às razões apresentadas para encorajar os compradores, chamam atenção, a fertilidade do solo e a ausência de formigas, que proporcionariam colheitas férteis, comercializadas a bons preços. A vida comunitária é apresentada como harmoniosa, possibilitando uma boa educação aos filhos, um povoado sem intrigas entre os moradores e assistido religiosamente por dois padres. Encostando-se ao estado do Rio Grande do Sul, a colônia Porto Novo já conta com muitos moradores estabelecidos, tendo como base da organização a *Vollksverein*, “que se preocupa com o futuro”. Para muitos, Porto Novo representava além de uma nova frente de colonização, uma alternativa para um futuro melhor. Além da promessa de encontrar terras férteis para a agricultura, o preço dos lotes era um atrativo à parte, se comparado aos preços praticados no Rio Grande do Sul no mesmo período.

A pioneira Maria W. Rohde, esposa de Carlos F. Rohde, um dos administradores da colônia Porto Novo, escreve que, em julho de 1927, Porto Novo tornou-se paróquia (São Pedro Canísio) e, resultaram deste feito, outros anúncios publicados no *Skt Paulusblatt* em forma de propaganda para encorajar compradores ainda indecisos em

relação à promessa de sucesso do empreendimento do projeto de colonização da *Volkverein*: “Porto Novo já é elevado a Paróquia, por isso conta com a presença permanente de um sacerdote, uma felicidade inestimável para os católicos” (apud ROHDE, 2011, p. 33). É evidente nesta fala, o quão é explorado o sentimento religioso entre os colonizadores da região. Afirmar que a presença diária de um sacerdote representa uma felicidade inestimável é a demonstração do quanto o projeto é alicerçado na religiosidade.

Intensas propagandas sobre a colônia Porto Novo foram feitas nos anos subsequentes - década de 30 - através de impressos especiais, como é o caso de um manual intitulado *Porto Novo: Urwaldsiedlung deutscher katoliken in Südbrasilien*, que na tradução significa Porto Novo: colônia de alemães católicos no sul do Brasil, publicado em 1933 pela *Volkverein*. Estes manuais eram na realidade guias de viagem, e estavam entre os meios de divulgação das terras:

Figura 3 - Capa do manual *Porto Novo: Urwaldsiedlung deutscher katoliken in Südbrasilien* (Porto Novo: colônia de alemães católicos no sul do Brasil), 1933, *Volksverein*⁷.



Fonte: Memorial Jesuíta Unisinos.

O manual contém dezenas de páginas descritivas da colônia, da estrutura e das terras existentes, além de recomendações sobre “como chegar” e “o que levar”. Um

⁷ A imagem da capa procura evidenciar duas finalidades principais: a primeira é a questão geográfica. O mapa tem por objetivo situar a colônia Porto Novo, destacando as duas pátrias separadas pelo oceano. A segunda finalidade tende a mostrar o que era a Colônia Porto Novo: uma terra que ainda precisava ser preparada para a agricultura, a começar pela derrubada da mata. Por outro lado, derrubar a floresta e depois cultivar era sinônimo de terra fértil. Desta forma, a imagem é importante em ambos os aspectos citados, influenciando diretamente na comercialização dos lotes.

livro de propagandas que buscava convencer as pessoas a comprar lotes nessa nova colônia, contendo informações sobre o clima, relevo e do solo que o comprador encontrará em Porto Novo, além de enfatizar quanto à necessidade do comprador ser praticante da religião católica e falante da língua alemã.

Algumas das informações presentes no manual são bastante curiosas como “*Giftige Schlange kommen in Porto Novo nicht vor*”; (em Porto Novo não há cobras venenosas); *Was soll der Einwanderer aus Übersee mitbringen* (o que o imigrante deveria trazer do além-mar) e *Wer soll aus Übersee zuwandern* (o perfil do migrante). Além destas recomendações, o livro contém dezenas de ilustrações sobre Porto Novo, mostrando principalmente as lavouras produtivas, as casas construídas e em construção, as estradas já abertas, as pontes construídas, extração de madeiras para comercialização entre outros, no intuito de passar uma imagem atrativa e convincente sobre como o investimento em terras em Porto Novo é um negócio promissor. É importante frisar que este material impresso, além das colônias velhas do Rio Grande do Sul, também circulou em diversas regiões da Alemanha, atraindo *Deutschländer* a Porto Novo. Muitos destes se instalaram na linha Presidente Becker, que, geograficamente, se localizava próximo da fronteira com a Argentina, numa área delimitada exclusivamente para receber estes imigrantes natos. Sobre a imigração destes, lemos na edição 895 do Jornal Força d’ Oeste, o depoimento de Estevão Wohlfart, que relata a vinda de sua família para o Brasil em 1934:

- Meu pai (Georg) serviu no exército alemão durante a primeira guerra mundial. Sentiu na pele o conflito da guerra, chegou a comer inclusive tripas (intestinos) de cavalos para não morrer de fome. Um irmão de minha mãe também foi soldado combatente e perdeu a vida na guerra. A ascensão de Hitler ao poder em 1933 fez com que surgissem rumores sobre novos conflitos na Europa. Assim, o medo de um novo conflito, associado à escassez de terras para a agricultura, fizeram com que muitos alemães procurassem outros países, como foi o caso deste grupo de imigrantes que veio para o Brasil, **especificamente para a Colônia Porto Novo, conhecida na Alemanha através de propagandas** (JORNAL FORÇA D’ OESTE, edição 895, p. 03, **grifos nossos**).

O texto enaltece quanto às propagandas que circulavam na Alemanha sobre Porto Novo. Explica Wohlfart que:

Foi por intermédio do Catholic RaphaelsVerein - Sociedade Católica Rafael de Hamburg, que fazia constantes propagandas sobre o projeto de colonização Porto Novo da Volksverein – Sociedade União Popular, que formara a partir de 1926 uma colônia para alemães católicos em Santa Catarina. Aquela **propaganda foi essencial para a vinda destas famílias**. Imagina, eles estavam saindo da Alemanha para um lugar onde também residiam somente alemães católicos. Isso soava muito bem na Alemanha naquela época e fez com que muitos procurassem por Porto Novo. Sabiam que viriam para uma das regiões que oferecia uma das ‘melhores condições de vida do Brasil’ e com as melhores terras cultiváveis do Sul. Esse era o entendimento que os imigrantes tinham do Brasil e da colônia Porto Novo, embora saibamos hoje que eram apenas propagandas. Ao chegarem em Porto Novo, havia uma escassa estrutura, onde praticamente tudo ainda estava por se fazer (JORNAL FORÇA D’ OESTE, edição 895, p. 03, **grifos nossos**).

O que podemos presumir é que, as propagandas sobre as colônias de alemães no Brasil, especialmente aquelas do sul do país, foram decisivas para a vinda de muitos europeus, especialmente alemães. No livro *Espírito Pioneiro* de Maria W. Rohde, em referência ao ano 1931, a autora escreve que “o nome Porto Novo começava a representar uma luz no céu escuro da depressão europeia” (ROHDE, 2011, p. 166). O termo depressão europeia vem caracterizar o período entre guerras vivido na Europa. A Alemanha, derrotada na 1ª Guerra Mundial, passava por grandes dificuldades, especialmente relacionadas ao desemprego em massa. Assim, a possibilidade de alguém se tornar agricultor (*Kolonist*) no Brasil é vista com bons olhos, especialmente por se acreditar que a agricultura podia garantir o sustento familiar. Esse discurso de se tornar agricultor no Brasil, onde “na pior das hipóteses” seria produtor de seu próprio sustento, foi responsável por trazer muitos imigrantes *Deutschländer* a Porto Novo, sem que tivessem a mínima noção de agricultura. Muitos não se adaptaram à nova condição de vida estabelecida e, anos mais tarde, retornaram à Alemanha.

Um dos meios de propaganda sobre a colônia Porto Novo na Alemanha, era, como vimos, o manual *Porto Novo: Urwaldsiedlung deutscher katoliken in Südbrasilien*, publicado em 1933 pela *Volksverein*. Recentemente localizamos com uma

neta de um imigrante alemão, o manual recebido por ele na Alemanha pela *St. Raphaels-Verein*⁸ em Hamburgo, que recrutava alemães para emigrar para Porto Novo. No manual localizado consta o carimbo da entidade alemã:

Figura 4 – Carimbo da entidade alemã *St. Raphaels-Verein* de Hamburgo no manual *Porto Novo: Urwaldsiedlung deutscher katoliken in Südbrasilien* (Porto Novo: colônia de alemães católicos no sul do Brasil), 1933, *Volksverein*.



Fonte: Clotilda Elisabeta Kollmann.

⁸ A *St. Raphaels-Verein* tem suas origens no ano 1871. Consta no site da instituição *raphaelswerk.de* que a entidade orienta emigrantes, refugiados, repatriados e imigrantes, sendo uma entidade de proteção dos emigrantes católicos, oferecendo-lhes proteção, condições e conselhos. O nome é em referência ao Arcanjo *Raphael*, considerado como o anjo de guarda dos viajantes. *Max Grösser* – referenciado por *Maria Rohde* – foi Secretário-Geral da entidade de 1931 a 1940.

A imigração para o Brasil chegou a ser uma das frentes de ação da *Raphaels-Verein*, a ponto de, no final do ano 1931, “o encarregado da Soc. São Rafael, na pessoa do conhecido Senhor Willi Strauch de Hamburgo, visitou a colonização da “*Volksverein*” pessoalmente, para estudar profundamente a possibilidade de imigração de jovens agricultores” (ROHDE, 2011, p. 168). Havia interesse para que estes alemães pudessem vir para o Brasil e, a colônia Porto Novo parecia ser uma alternativa viável. Além disso, as propagandas promissoras que atraíam os imigrantes, aliado aos problemas econômicos da Alemanha, o medo de acontecer outro conflito bélico e, a possibilidade de manutenção das práticas socioculturais, foram decisivos para a vinda dos *Deutschländer* à colônia Porto Novo:

A fusão de uma propaganda promissora com uma situação caótica na Alemanha acabava servindo de chamariz para aqueles que já haviam passado por uma guerra mundial e não pretendiam enfrentar uma outra guerra e as suas conseqüências. **A família Dietz emigrou da região de Mecklenburgo para a Linha Presidente Becker⁹ atraída pela propaganda.** De acordo com Maria Dietz, “eles não queriam mais participar de outra guerra, então fugiram, não queriam estar lá quando estourasse outra. O meu sogro havia participado de toda a Primeira Guerra e não queria mais participar de nenhuma outra” (NODARI, 2009, p. 54, **grifos nossos**).

Nodari ainda menciona outra família que deixou a Alemanha e veio para o Brasil, vindo a se estabelecer também na colônia Porto Novo da *Volksverein*:

Situação idêntica foi a da família Kuck, natural da antiga Prússia Oriental, que emigrou com destino certo: a colônia de Porto Novo/ Itapiranga, em Santa Catarina. Maria Lúcia Goerck, uma das quatro filhas do casal Josef e Ana Kuck, relembra que seu pai era fotógrafo e relojoeiro na Alemanha e que o casal, ainda sem filhos, em 1934, **foi atraído pela “Volksverein, que colocou propaganda na Alemanha dizendo que aqui era o paraíso. Só que não era bem assim e se eles pudessem teriam voltado”.** Maria relembra que todos “vieram por causa da propaganda da *Volksverein*, dos problemas econômicos que a Alemanha estava atravessando após a Primeira Guerra Mundial e o medo de acontecer uma outra guerra” (NODARI, 2009, p. 54, **grifos nossos**).

⁹ Linha Presidente Becker foi um núcleo crido pela administração de Porto Novo para assentar os imigrantes *Deutschländer*.

Nos dois exemplos apresentados, encontramos alguns pontos em comum: ambos emigraram da Alemanha para o Brasil, vindo a se estabelecer na colônia Porto Novo da *Volkverein*, fixando-se no núcleo de Linha Presidente Becker. Em ambos os casos, as famílias têm perfil de emigrantes urbanos e foram atraídas pela propaganda disseminada pela empresa colonizadora, e, além da promessa do “paraíso” que encontrariam na colônia alemã do Brasil, deixaram a Europa por medo de novo conflito bélico.

Com a parceria firmada entre a *Volkverein* e a *Raphaels-Verein*, Rohde (2011) argumenta que a administração local do projeto Porto Novo fez o melhor possível para receber e instalar os imigrantes. Para isso, viabilizou a demarcação de um perímetro para instalar os colonizadores provenientes da Alemanha, dando-lhes, inclusive, a possibilidade de se assentar como um núcleo fechado em si mesmo, ou seja, separados dos moradores provenientes de outros lugares, como por exemplo das colônias velhas, o que possibilitaria, no entender da Colonizadora *Volkverein*, aos imigrantes “natos”, uma melhor adaptação e, ao mesmo tempo, faria com que não se sentissem deslocados de seu mundo, visto que estariam morando no mesmo núcleo, exclusivamente famílias provenientes da Alemanha.

A instituição do núcleo fechado de Linha Presidente Becker trouxe um novo cenário para Porto Novo. Por si só, a colônia já era uma colonização fechada, reservada para alemães católicos, e, a partir de agora, dentro da colônia que já apresentava fortes características de homogeneidade étnica e religiosa, implanta-se um núcleo, um nicho, que se diferencia do restante da colônia. Percebe-se portanto, que a colonização Porto Novo começa a apresentar características bastante peculiares, e, gradativamente o núcleo de Linha Presidente Becker se fecha em torno de seus moradores.

Com as propagandas sobre Porto Novo realizadas pela *Volkverein*, o crescimento populacional era perceptível. Rohde escreve que o progresso era evidente na nova colônia e esta saltava a olhos vistos. Cita por exemplo, o número de pessoas que fixaram residência em Porto Novo no primeiro semestre de 1931, cinco anos após o surgimento do empreendimento: “358 colonizadores migraram para Porto Novo entre 1º de janeiro e agosto de 1931. Com isto o número de habitantes, contando-se os nascimentos ocorridos aqui, chegava a quase 2.000 pessoas” (ROHDE, 2011, p. 153). Isso demonstra que, em poucos anos, a procura pelos lotes de terra em Porto Novo era

significativa, o que Koelln conclui que “Porto Novo crescia e prosperava sob uma direção segura e enérgica, incentivada e apoiada pela Igreja Católica” (KOELLN, 1980, p. 57).

A colônia Porto Novo se tornava referência para a *Volksverein*. Excerto do relatório anual do *Skt. Paulusblatt – 1930* faz referência à promissora colônia: “Os números provam, aos leitores, que a evolução do empreendimento, está além do esperado [...] que Porto Novo se tornasse o que é hoje: uma colonização modelar, com um futuro promissor” (apud ROHDE, 2011, p. 153). Para a autora, o progresso segue nos anos subsequentes, e a colônia Porto Novo representa um empreendimento exitoso, nunca antes visto entre os sistemas de colonização. Para a *Volksverein*, significava a realização de um ideal. Em 1938, Porto Novo contava com mais de 6 mil habitantes, distribuídos em 17 comunidades (ROHDE, 2011). O progresso e aumento populacional estão diretamente associados às propagandas de suas terras:

Foi então que no final da década de 1920, **após ouvirem falar bastante sobre o Projeto de Colonização Porto Novo, decidiram se migrar para essa região**, trazendo na bagagem alguns poucos pertences e as crianças nascidas em Rolante. A viagem foi realizada de caminhão até o município de Mondaí, donde os imigrantes seguiram de lancha sobre o Rio Uruguai até chegarem à casa do Imigrante, que se localizava no local onde hoje funciona o Açougue Berwanger, junto ao trevo em Itapiranga (JORNAL EXPRESSÃO, 2009, ed. 228, p. 10, **grifos nossos**).

De Santa Cruz do Sul a Porto Novo – [...] Pedro nasceu em Santa Cruz do Sul [...] Como tantas outras famílias da época, também **a família Wink foi atraída para Porto Novo em função da propaganda** que existia em relação a qualidade da terra disponível em nossa região. Em Santa Cruz do Sul as terras já estavam desgastadas e havia poucos recursos para fertilização (JORNAL EXPRESSÃO, 2010, ed. 255, p. 17, **grifos nossos**).

Apesar da vida tranquila perto dos familiares, Bruno e Rosa sentiam de que o solo da propriedade em que moravam já apresentava graves problemas de fertilidade, devido às intensas colheitas feitas já há muito anos pelos colonizadores das velhas colônias do Rio Grande do Sul. Era preciso buscar um solo fértil para continuar a construir a família. Nesse sentido constantemente **ouviam-se nas rodas de conversas e nas reuniões comunitárias a propaganda de uma nova terra**, uma nova colônia que estava de portas abertas para receber agricultores interessados em cultivar um solo fértil e construir os valores familiares e comunitários nos velhos e bons costumes cristãos (JORNAL EXPRESSÃO, 2011, ed. 298, p. 37, **grifos nossos**).

Nos depoimentos acima descritos, percebemos que o emprego da propaganda em relação à terra fértil e dos bons costumes cristãos de Porto Novo foram os fatores que impulsionaram e encorajaram os colonos a migrar para a colônia, sendo a escassez de terra, os elevados preços e a baixa fertilidade do solo nas colônias velhas decisivos para a migração.

Considerações finais

Em linhas gerais, a colonização de Porto Novo teve características de relativa homogeneidade étnica e religiosa. Executado pela *Volksverein* e desenvolvendo-se em meio a uma região de matas cujos limites geográficos são o estado do Rio Grande do Sul e a República Argentina, a colônia atraiu milhares de colonos a partir de 1926 oriundos principalmente das colônias velhas do Rio Grande do Sul, graças às propagandas estampadas com frequência em periódicos, em especial, na revista *Skt. Paulusblatt*.

Pelas características abordadas ao longo do estudo, podemos seguramente concluir que Porto Novo se diferenciava dos demais modelos de colonização da época, justamente por ter direcionado a venda de seus lotes a indivíduos que se enquadravam a um “perfil desejado”: ser católico e alemão. Além disso, chama atenção que, além da própria colônia apresentar características germanistas, a partir de 1931 ainda se forma em seu interior outro núcleo – a Linha Presidente Becker – que recebe exclusivamente imigrantes natos da Alemanha – *Deutschländer*. Portanto, constituiu-se uma célula alemã dentro da colônia, que por si só, já apresentava características distintas das verificadas em outros projetos de colonização.

Por fim, prometida como uma colonização com “terras cultiváveis de primeira classe”, Porto Novo significou para muitos, uma alternativa de um futuro melhor, numa nova fronteira de colonização.

Referências

FRANZEN, Douglas Orestes. **Frigorífico safrita de itapiranga**: um projeto de desenvolvimento regional no extremo oeste catarinense. Porto Alegre: Letra e Vida, 2014.

HEINEN, Luiz. **Colonização e desenvolvimento do oeste de Santa Catarina** – aspectos sócio-políticos, econômicos e religiosos. Joaçaba: UNOESC, 1997.

JUNGBLUT, Roque. **Documentário histórico de Porto Novo**. São Miguel do Oeste: Arco Íris, 2000.

KLAUCK, Samuel. Representações da organização familiar e comunitária dos teuto-brasileiros católicos do Rio Grande do Sul a partir da revista St. Paulus-Blatt (1912 a 1934). **História: debates e tendências**, Passo Fundo, v. 14, n. 1, jan./jun. 2014, p. 141-152.

KOELLN, Arno. **Porto feliz: a história de uma colonização as margens do Rio Uruguai**. Mondaí: Coordenadoria Municipal de Ensino, 1980.

MIDDELDORF, Bearbeitet Von Carl. **Porto novo: urwaldsiedlung deutscher katoliken in Südbrasilien**. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1933.

NEUMANN, Rosane Márcia. **Imigração e identidade étnica: a construção do “ser alemão” no Sul do Brasil**. **História: debates e tendências**, Passo Fundo, v. 14, n. 1, jan./jun. 2014, p. 94-107.

NODARI, Eunice Sueli. **Etnicidades renegociadas: práticas socioculturais no oeste de Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 2009.

_____. **A dor do esquecimento: as marcas da ditadura Vargas no oeste de Santa Catarina**. Florianópolis: História oral, v. 12, n. 1-2, p. 157-176, jan.-dez., 2009.

RABUSKE, Arthur; RAMBO, Arthur Blásio. **Pe. J. E. Rick, Sj: Cientista, colonizador, apóstolo social, professor**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

RAMBO, Arthur Blásio. **Somando forças: o projeto social dos Jesuítas do sul do Brasil**. São Leopoldo: UNISINOS, 2011.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Tradução Emery Ruas. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

ROHDE, Maria W. **Espírito pioneiro: a herança dos antepassados**. Itapiranga: Gráfica e Editora Porto Novo, 2011.

Fontes primárias

JORNAL Força d'Oeste. Edições 895.

JORNAL Expressão. Edições 228, 255 e 298.

Revista *Skt. Paulusblatt*, 1929.